

Este artigo foi recebido em 16/09/2020 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em 23/10/2020.



## A ANÁLISE DOS VALORES NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS THE ANALYSIS OF VALUES IN COMICS

### Nildo Viana

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (Goiânia/GO, Brasil)

E-mail: nildo@nildoviana.com

### Resumo

As pesquisas sobre valores se desenvolvem em várias ciências humanas e a reflexão teórica sobre esse tema é realizada pela filosofia, sociologia e psicologia, entre outras disciplinas. Os valores se manifestam em todas as produções culturais e artísticas e, por conseguinte, também se manifestam nas histórias em quadrinhos. O objetivo do artigo é apresentar uma reflexão sobre a técnica de análise dos valores, mostrando os seus procedimentos analíticos. Para tanto, efetiva-se uma discussão sobre as regras analíticas da análise de valores e, posteriormente, uma utilização de tal técnica no caso de algumas tiras de histórias em quadrinhos.

**Palavras-chaves:** Análise dos Valores. Histórias em Quadrinhos. Regras Analíticas. Valores. Predominância Valorativa.

### Abstract

Researches on values develop in several human sciences and the theoretical reflection on this theme is carried out by philosophy, sociology and psychology, among other disciplines. Values are manifested in all cultural and artistic productions and, therefore, are also manifested in comic books. The objective of the article is to present a reflection on the technique of analysis of values, showing their analytical procedures. For that, a discussion about the analytical rules of the analysis of values is carried out and, later, a use of such technique in the case of some comic strip.

**Keywords:** Values Analysis; Comics. Analytical Rules. Values. Valuation Predominance.

## INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos vêm sendo cada vez mais trabalhadas na pesquisa social, sendo que na área da comunicação já possuía um espaço considerável que vem se ampliando, mas que agora também passa a ser mais amplamente analisada e pesquisada por outras áreas, tal como no caso da sociologia. Os valores, tema muito debatido nas ciências humanas e na filosofia, também vêm tendo uma ampliação do interesse e do número de pesquisas a seu respeito, expandindo não só discussões teóricas e gerais, mas também pesquisas sobre diversas formas e lugares de manifestações valorativas. E essa ampliação do interesse por esses dois temas também vem ocorrendo no que se refere ao caso de pesquisas sobre as manifestações valorativas nas histórias em quadrinhos.

Isso cria toda uma demanda por reflexões e indicações técnicas de como abordar as manifestações valorativas nas histórias em quadrinhos. O presente artigo tem como objetivo realizar uma discussão sobre as principais questões envolvidas na análise de valores nas histórias em quadrinhos. O nosso objetivo aqui é apresentar o uso da análise dos valores como técnica de pesquisa no caso específico das histórias em quadrinhos. Devemos deixar claro que toda técnica de pesquisa, quando esta é coerente e rigorosa, é inseparável de um método e uma teoria. Sem dúvida, existem dificuldades e incoerências na realidade concreta, mas cabe ao pesquisador e à pesquisadora se pautar pelo que é o ideal da pesquisa.

A análise dos valores é uma das técnicas de pesquisa social. Contudo, ela difere das técnicas de obtenção de informações. As técnicas de obtenção de informações são aquelas voltadas para produzir, selecionar e acessar o material informativo necessário para uma pesquisa (VIANA, 1999). A análise dos valores entra no grupo das técnicas de análise de informações. O questionário, a entrevista, o grupo focal são técnicas de obtenção de informações, enquanto que a análise do discurso, a análise de conteúdo, a análise de valores, são técnicas de análise das informações. O nosso objetivo aqui é discutir essa técnica de análise específica que é a análise de valores e seu uso no caso específico das histórias em quadrinhos.

## OS VALORES NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Os valores se manifestam em todas as produções culturais (VIANA, 2007a), não é possível pensar alguma forma de pensamento, algum discurso concreto, ou qualquer fenômeno cultural que não traga, em si, valores. A análise dos valores assume importância crucial para a análise da cultura. No entanto, se, por um lado, temos uma ampliação de pesquisas sobre valores, por outro, ainda é bastante precária a discussão técnica sobre como analisar as manifestações valorativas. E isso ainda é mais grave no caso específico das manifestações valorativas nas histórias em quadrinhos, apesar de já existirem pesquisas que realizam uma importante

respeito dos valores nas histórias em quadrinhos. No que se refere ao processo técnico de análise, no entanto, pouco se produziu até agora

O primeiro elemento que é necessário esclarecer numa discussão sobre a técnica de análise das manifestações de valores nos quadrinhos é a especificidade desse caso. Uma coisa é a manifestação valorativa nos discursos, nas representações, nas ideologias, nas teorias, etc., outra coisa é a sua manifestação no plano da arte e, mais especificamente, no mundo das histórias em quadrinhos. Qual é a especificidade da manifestação valorativa no plano da arte? A especificidade se deve ao caráter de expressão figurativa da realidade que caracteriza a arte (VIANA, 2007b). As diversas formas de arte produzem um universo ficcional, uma realidade imaginária paralela, e, por isso, a manifestação de valores é distinta, já que em outras formas de consciência ela é mais direta. Num discurso político, num texto filosófico, num depoimento oral, numa notícia de jornal, a mensagem é direta e os valores são mais facilmente perceptíveis. Um exemplo ilustra isso:

Já é comum — ainda que inaceitável — presenciar cenas de selvageria protagonizadas por torcidas organizadas nos estádios brasileiros, em que facções rivais se confrontam em embates violentos, transformando as arquibancadas em verdadeiros campos de batalha. As torcidas, ao invés de entonarem o hino do time e carregar bandeiras, gritam ofensas para os adversários e se armam com paus e pedras. A partida em si passa quase despercebida: o foco mesmo é a movimentação dos rivais. E o futebol, atração principal, acaba assumindo um papel de mero coadjuvante nesse espetáculo de horror (Murilo Nascente, *Jornal Opção*, Edição 1992 de 8 a 14 de setembro de 2013).

O texto acima é uma reportagem de um jornal que trata da violência das torcidas organizadas na cidade de Goiânia. É um texto jornalístico assinado por um indivíduo e os seus valores e desvalores são facilmente perceptíveis. Ao afirmar que é “inaceitável” a violência das torcidas e ao utilizar o adjetivo “selvageria” ou “espetáculo de horror”, mostra o desvalor que as atitudes violentas das torcidas organizadas têm para o autor do texto. Quando o autor do texto afirma que “ao invés de entonarem o hino do time e carregar bandeiras”, isso mostra outros valores: hino, bandeiras, time, futebol.

Nesse caso, o autor manifesta diretamente os seus valores. Mas, no universo ficcional, seja de uma poesia, um filme, um quadro, um romance, isso não ocorre. Um novo exemplo ajuda a entender essa diferença:

CLASSE MÉDIA  
Max Gonzaga

Sou classe média  
Papagaio de todo telejornal  
Eu acredito  
Na imparcialidade da revista semanal  
Sou classe média  
Compro roupa e gasolina no cartão  
E vou de carro que comprei a prestação

Odeio "coletivos"  
 E vou de carro que comprei a prestação  
 Só pago impostos  
 Estou sempre no limite do meu cheque especial  
 Eu viajo pouco, no máximo um pacote CVC trianual  
 Mas eu "tô nem aí"  
 Se o traficante é quem manda na favela  
 Eu não "tô nem aqui"  
 Se morre gente ou tem enchente em Itaquera  
 Eu quero é que se exploda a periferia toda  
 Mas fico indignado com estado quando sou incomodado  
 Pelo pedinte esfomeado que me estende a mão  
 O para-brisa ensaboado  
 É camelo, biju com bala  
 E as peripécias do artista malabarista do farol  
 Mas se o assalto é em Moema  
 O assassinato é no "Jardins"  
 A filha do executivo é estuprada até o fim  
 Ai a mídia manifesta a sua opinião regressa  
 De implantar pena de morte, ou reduzir a idade penal  
 E eu que sou bem informado concordo e faço passeata  
 Enquanto aumenta a audiência e a tiragem do jornal  
 Porque eu não "tô nem aí"  
 Se o traficante é quem manda na favela  
 Eu não "tô nem aqui"  
 Se morre gente ou tem enchente em Itaquera  
 Eu quero é que se exploda a periferia toda  
 Toda tragédia só me importa quando bate em minha porta  
 Porque é mais fácil condenar quem já cumpre pena de vida

Essa música mostra diversos valores. É necessário entendermos as características da música para entender quais valores a letra da música manifesta. Se analisássemos a letra dessa música da mesma forma que um texto jornalístico, seria fácil afirmar que os valores expressos na música são burgueses ou das suas classes auxiliares (ou, para usar terminologia equivocada da música, seria de “classe média”), bem como que a pobreza, o transporte coletivo, a morte das pessoas empobrecidas, entre outros, são desvalores, e viagem, carro, revista semanal, são valores. Essas afirmações seriam parcialmente corretas. Mas se forem realizadas como se fossem simplesmente isso, tomando o que é afirmado de forma literal, seriam falsas. Isso porque tais valores são manifestos na letra da música, mas não são os valores do compositor e sim do “personagem”, um indivíduo de “classe média”, que a música ironiza. Assim, nós temos um caso de ironia e ela é dita sob a perspectiva de um personagem para mostrar, justamente, que se discorda dele. A perspectiva do compositor é oposta à do personagem que se manifesta através da letra da música. Nesse sentido, um elemento analítico importante, no caso das produções artísticas, é distinguir entre valores dos personagens e valores dos produtores.

Contudo, este é um caso relativamente simples. A situação se torna mais difícil quando o universo ficcional é mais complexo. No caso de um romance, de uma história em quadrinhos, entre outras manifestações artísticas, existem diversos personagens, como valores que podem ser diferentes e até opostos. A peça teatral de Molière, *Tartufo*, é um exemplo de complexidade valorativa. O personagem Tartufo apresenta valores explícitos discursivamente, como a religião, a castidade, etc., que entram em contradição com seus valores implícitos, tal como o dinheiro. Isso apenas confirma que os valores manifestos nas obras de arte nem sempre são os valores dos seus produtores, e o que é importante é saber quais são estes, pois isso é uma condição de possibilidade para uma interpretação correta<sup>1</sup>. Os responsáveis pela produção de valores não são os personagens e sim os seus criadores quando os produzem, que também, ao mesmo tempo, produzem os valores que eles manifestarão no universo ficcional.

A percepção da complexidade de valores nos universos ficcionais deve conduzir a uma análise dos valores explícitos e implícitos, de suas relações, da predominância valorativa e da identificação valorativa. Isso significa que uma obra de arte deve ser compreendida como uma totalidade e, se queremos compreender os valores existentes nessa totalidade, é necessário inserir a análise dos valores numa análise global desse universo ficcional e entender as determinações extraficcionais. Assim, além de distinguir entre os valores dos produtores e dos personagens, a escala de valores (valores fundamentais e derivados), conflitos valorativos, relação dos valores com representações e sentimentos, é preciso entender o universo ficcional e seu processo de produção. Esse é o caso do universo ficcional manifesto nas histórias em quadrinhos e também em manifestações particulares deste, ou seja, um conjunto ficcional (uma revista específica, um número específico dela, uma estória determinada, um personagem com diversas histórias, etc.).

O universo ficcional é uma totalidade e deve ser analisada como tal. Obviamente que não é uma “totalidade fechada”, e sim aberta, incluída em outra totalidade mais ampla, que é a da sociedade e dos seus produtores (com sua inserção específica no conjunto das relações sociais, sua situação no processo de produção, seus vínculos institucionais, seu processo histórico de vida, seus valores, seus sentimentos, suas concepções, etc.). Além disso, existem aspectos históricos e mais conjunturais, bem como circunstâncias e elementos extraficcionais relacionados diretamente com o universo ficcional. Um destes elementos extraficcionais é o tipo de universo ficcional que é analisado, pois cada gênero possui sua lógica própria (superaventura, humor, etc.), seus objetivos, exigências formais e estilísticas, entre diversos outros aspectos que são variáveis dependendo do caso. Nesse sentido, a análise do universo ficcional deve ser complementada pela análise do universo extraficcional. Assim, caso o objetivo seja analisar as manifestações de valores nas histórias em quadrinhos, então um dos elementos

---

<sup>1</sup> Já desenvolvemos, em várias oportunidades, a discussão sobre interpretação correta (VIANA, 2012; VIANA, 2007c). E. H. Hirsch (2019) é outro autor que abordou a questão da interpretação correta e Karosch contribuiu ao fazer uma reflexão sobre ela (KAROSCH, 2019).

fundamentais – ao lado dos outros citados acima – nesse processo é diferenciar entre os valores dos personagens e os valores dos produtores.

Podemos, assim, apontar alguns elementos fundamentais na análise dos valores das histórias em quadrinhos (que são úteis, com a devida percepção da especificidade de cada caso concreto, cada forma de arte, para outras manifestações artísticas). Podemos colocar isso sob a forma de regras analíticas. A primeira regra na análise dos valores nas histórias em quadrinhos é a da análise global do universo ficcional. A segunda regra é a da análise do processo de produção do universo ficcional, o que remete ao extraficcional. A terceira regra é a da distinção valorativa, no qual se deve entender que os valores dos personagens e os valores dos produtores são distintos (sendo que pode ser coincidente no caso de alguns e opostos ou até antagônicos no caso de outros personagens). A quarta regra é a distinção entre valores implícitos e valores explícitos. A quinta regra é analisar a relação de valores que existe entre os personagens, pois essa relação pode esclarecer diversos aspectos necessários para uma interpretação correta das histórias em quadrinhos. A sexta regra é analisar a predominância valorativa no universo ou corpus ficcional, ou seja, quais valores predominam em determinadas histórias em quadrinhos. A sétima e última regra é descobrir a identificação valorativa, ou seja, desvendar quais são os valores dos criadores das histórias em quadrinhos. Esta é um complemento da regra da distinção valorativa, mas aqui aparece como o final da análise, na qual já se pode efetivar a descoberta e qual é a identificação valorativa dos criadores com os personagens.

As duas primeiras regras são as mais importantes, mas podem ser substituídas dependendo do foco analítico. A análise global do universo ficcional é válida para quando o domínio temático da pesquisa é mais amplo, bem como a análise do processo do seu processo de produção também. Isso ocorre quando, ao invés de analisar o universo ficcional de Mortadelo e Salaminho, se analisa apenas as histórias que abordam a Copa do Mundo de Futebol, ou uma revista específica, ou, ainda apenas o personagem Mortadelo. Nesse caso, a regra não é abandonada totalmente, mas passa a ser trabalhada em situações específicas e sem a profundidade que teria se o foco analítico fosse o universo ficcional de Mortadelo e Salaminho. Nesses exemplos, o que temos não é o universo ficcional, e sim parte dele e que podemos denominar corpus ficcional. Assim, uma coisa é analisar o universo ficcional de Ferdinando (VIANA, 2013a), outra coisa é analisar o corpus ficcional de O Racista, uma história de Mortadelo e Salaminho (VIANA, 2013b). Assim, a regra é efetivar uma análise global do corpus ficcional. A segunda regra, por sua vez, é analisar o processo de produção do corpus ficcional definido como foco analítico. E aqui a primeira regra pode se tornar uma necessidade, pois um corpus ficcional que é uma parte de um universo ficcional precisa, para ser entendido, uma compreensão mínima desta última.

A regra analítica da análise global do universo ou do corpus ficcional é fundamental para a compreensão dos valores manifestos nas histórias em quadrinhos. Sem uma percepção

do processo de produção do universo ou do corpus ficcional é também fundamental, pois é preciso entender o contexto social e cultural no qual ele é produzido, sob pena de sérios equívocos interpretativos caso não o faça. Sem dúvida, nem sempre é possível uma análise mais profunda do processo de produção, mas isso apenas aumenta a necessidade de rigor no uso das outras regras.

A regra analítica de distinguir valores dos personagens e valores dos produtores é fundamental e já explicamos a sua necessidade. O problema da confusão entre ambos pode gerar interpretações que são contrárias à mensagem que os produtores queriam repassar. A regra da necessidade da percepção da complexidade valorativa de determinadas manifestações artísticas é necessária para não se realizar “confusões analíticas”, e tratar como simples o que é complexo ou vice-versa. Existem determinados universos ficcionais que possuem um maior grau de complexidade valorativa do que outros, mas aí se trata de uma questão de grau. Essa complexidade se revela na existência de distintos valores, em alguns casos até valores antagônicos, de diversos personagens e seu entrelaçamento com representações e sentimentos, entre outros aspectos envolvidos. Nesse sentido, não é possível realizar uma análise dos valores nas histórias em quadrinhos de maior complexidade sem uma análise rigorosa da diversidade de valores e suas relações com outros aspectos presentes nas estórias. Isso é diferente no caso das tiras cômicas ou pequenas estórias a complexidade tende a ser menor e ser for infantil, então é mais fácil identificar os valores já que o universo ficcional é menos complexo. A Turma da Mônica tem um grau de complexidade muito inferior a que se encontra em *The Authority*, por exemplo.

Essas regras analíticas geram outras. Um que assume importância fundamental é a distinção entre valores explícitos e valores implícitos. Em um filme, um conto, etc., é possível perceber com relativa facilidade alguns valores que são explicitados, mas outros ficam implícitos e cabe ao analista descobri-los. Algumas vezes os valores aparecem através do seu contrário, os desvalores. Uma obra literária cujo autor possui a intencionalidade de criticar a burocracia, ele não precisa e não manifesta, necessariamente, os valores alternativos ligados a tal posição, pois ele pode simplesmente apresentar o que é vinculado à burocracia como desvalor. Os desvalores revelam valores e, em certos casos, implicitamente manifestam valores ocultos.

Outra regra importante é analisar as relações de valores estabelecidos pelos personagens. É nessa relação que se pode compreender as manifestações valorativas no sentido mais geral e é um pressuposto para descobrir a predominância valorativa. Obviamente que isso depende do caso concreto, mas, em alguns casos, as relações de valores estabelecidas pelos personagens pode ser peça fundamental para a reconstituição dos valores presentes num determinado universo ou corpus ficcional. Da mesma forma, em diversos casos é fundamental também para descobrir a predominância e a identificação valorativas.

Em determinado universo ficcional, comandados pelo maniqueísmo, a “eterna” luta do bem contra o mal, temos relações de valores estabelecidas entre os personagens de forma mais

e facilmente identificável. Na oposição entre “mocinhos” e “bandidos”, na maioria dos casos, os primeiros representam os valores, as representações e os sentimentos que expressam sob forma explícita os valores dos personagens e dos produtores, pois os produtores se colocam, frequentemente, e com raras exceções, do lado do “bem”, dos “mocinhos”. As exceções podem ser identificadas quando o “mocinho” não é um herói e sim um vilão ou então quando o mal vence o bem. No entanto, esses são indícios, pois é necessária uma percepção da totalidade do universo ou corpus ficcional e de outras determinações para que isso seja realmente assim.

Nesse sentido, a compreensão da existência de valores dos produtores e valores dos personagens remete para o estudo desses em suas relações para descobrir os valores daqueles. A regra seguinte aponta para a identificação da predominância valorativa. A predominância valorativa nas histórias em quadrinhos ajuda a compreender quais são os valores dos produtores. Para descobrir a predominância valorativa é necessário entender que existe em determinados casos uma complexidade que dificulta a percepção de quais são os valores repassados por determinado universo ficcional. Quando existe homogeneidade valorativa nos personagens, os conflitos e as contradições valorativas são menores. Quando há heterogeneidade valorativa, a questão se complexifica e torna-se necessário descobrir a predominância valorativa, ou seja, quais são os valores fundamentais em determinado universo ficcional. Obviamente que, no caso de determinados produtores, aos quais já foram analisados e reconhecidos quais são os valores que manifestam em suas criações ficcionais, isso também é mais fácil, mesmo que o universo ficcional seja relativamente complexo e exista heterogeneidade valorativa.

A regra analítica, que é ainda mais necessária havendo a percepção de que há heterogeneidade valorativa, é voltada para descobrir qual é a identificação valorativa das pessoas criadoras. Os produtores de histórias em quadrinhos são indivíduos portadores de valores e os repassam para o universo ficcional. Quando ocorre o caso de existir heterogeneidade valorativa manifesta através dos personagens, é preciso descobrir com qual personagem o produtor se identifica. Assim, sabemos que Quino, criador de Mafalda, se identifica mais com Liberdade, personagem que aparece bem menos e que tem posições políticas mais radicais do que a personagem principal, Mafalda. Da mesma forma, Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, se identifica mais com Horácio e não com os personagens mais famosos, como é o caso de Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali. Saber que esses criadores possuem tal identificação ajuda a entender os seus valores, mas a descoberta disso nem sempre ocorre de forma fácil. Nos dois exemplos acima citados a descoberta da identificação valorativa é realizada através de leitura de entrevistas dos criadores, no qual eles explicitam isso. Assim, um dos elementos importantes para descobrir os valores predominantes num determinado universo ou corpus ficcional é descobrir esta identificação valorativa.

O processo analítico possui, além das regras, algumas etapas analíticas. A primeira etapa é a delimitação do corpus ficcional que será o foco analítico. Será uma tira, um personagem, uma

estória, um período ou um universo ficcional inteiro? Após isso, é necessária a etapa da leitura introdutória, no qual se lê de forma mais rápida o material principal do corpus ficcional. A terceira etapa é a leitura focalizada nos valores, na qual se focaliza as manifestações valorativas, implícitas e explícitas, bem como todas as demais manifestações, incluindo os desvalores. A quarta etapa é a leitura global do corpus ficcional. Essas etapas analíticas são as formas concretas na quais se efetivam as regras analíticas.

## ANÁLISE DOS VALORES NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A análise dos valores em histórias em quadrinhos é um processo que requer algumas escolhas e pressupostos. Obviamente que, dependendo dos valores, concepções, etc., do analista, isso vai variar. Contudo, o que indicamos aqui é o processo analítico de quem parte de uma perspectiva crítica e dialética. O nosso objetivo aqui é expressar como se realiza análise dialética dos valores em histórias em quadrinhos, o que tem como pressuposto o método dialético.

O ponto de partida é a escolha do que será analisado. Ou seja, a análise será sobre uma estória específica ou sobre um conjunto de estórias? Será sobre um personagem ou um universo ficcional completo? Uma coisa é analisar uma estória como “O Carrinho ecológico”, de Cebolinha e Cascão (VIANA, 2013a), outra coisa é analisar o universo ficcional de Maurício de Sousa ou da Turma da Mônica. Da mesma forma, é possível ainda analisar apenas o personagem Cebolinha. Ou, então, analisar os valores manifestos em determinados períodos, por exemplo, nos anos 1970. Estas e outras possibilidades existem e cabe à pessoa pesquisadora definir qual escolherá.

Se a escolha é apenas uma estória, então, o trabalho será mais fácil, já que o material informativo será reduzido. Mas, mesmo realizando tal escolha, é necessário, para uma interpretação correta, que isso seja um foco analítico e não algo tomado isoladamente como se fosse autossuficiente. Nesse sentido, embora seja possível analisar determinada estória em si e observar quais valores são apresentados na mesma, em muitos casos, isso requer leituras de outras estórias e uma concepção totalizante. Essas possibilidades de focos analíticos geram diferenças no processo analítico. Por isso, é difícil discutir a análise dos valores nas histórias em quadrinhos. De qualquer forma, alguns elementos comuns existem e, por isso, tomaremos um exemplo para ilustrar como se pode fazer tal processo analítico.

Digamos que o objetivo é analisar apenas uma tira. Selecionamos uma tira do universo ficcional de Recruta Zero. O processo analítico deve iniciar com uma leitura introdutória e geral das histórias em quadrinhos que se pretende analisar. Vejamos o caso abaixo, uma tira específica do universo ficcional do Recruta Zero:



Figura 1. Tira do Recruta Zero.

Fonte: <https://sociologiahq.blogspot.com/p/tirinhas.html>

Após a leitura introdutória, é importante buscar identificar os valores explícitos da mesma. Esse é o momento da leitura focalizada nos valores. Como é apenas uma tira, os valores expressos podem ser numericamente insignificantes. Isso vai depender da delimitação (se é o universo ficcional do Homem-Aranha, então, o material informativo é extenso e os valores explícitos inúmeros, agora, se for uma história específica deste personagem, eles serão reduzidos drasticamente). No caso do exemplo acima, apenas uma tira, há apenas um valor explícito: “os caras da Disney”, pois, no primeiro quadro, o Sargento Tainha afirma que “adora” eles, explicitando seus valores. Assim, o que é apresentado como valor explícito é o universo ficcional da Disney, os seus personagens. Contudo, ficar no nível dos valores explícitos é problemático, pois é fundamental para entender os valores manifestos nas histórias em quadrinhos a totalidade do corpus ficcional. No caso, o corpus ficcional é a tira acima apresentada, o que remete para a percepção dos outros quadros e possível identificação de valores implícitos, desvalores, representações, expressão de sentimentos, etc.

Assim, após a leitura introdutória e a leitura focalizada nos valores, é necessária uma terceira leitura visando analisar o conjunto do corpus ficcional<sup>2</sup>. Essa parte de leitura do conjunto ficcional consiste em analisar não apenas os valores, mas a totalidade do corpus ficcional<sup>3</sup>, o que significa incluir as representações, os sentimentos, as imagens, etc., no processo analítico.

Analisando a tira acima, um personagem aponta explicitamente para a valoração dos

<sup>2</sup> Na verdade, essas etapas analíticas que dividem as leituras podem ser úteis, mas não são obrigatórias, pois isso depende em parte da pessoa pesquisadora, que, em uma ou duas leituras, pode conseguir identificar os valores manifestos nas histórias em quadrinhos. Quando escrevia este texto, busquei uma tira na internet para trabalhar como exemplo e tão logo encontrei esta, a selecionei por manifestar valores explicitamente logo no início e oferecer material para uma boa discussão, pois a leitura dela no seu conjunto mostra – e isso foi percebido na primeira leitura – que o que é explicitado como valor é, no conjunto, um desvalor. Por isso, a análise dos valores nas histórias em quadrinhos, quando se trata de caso mais simples e a pessoa pesquisadora tem domínio teórico-metodológico, o número de leituras e as divisões de objetivos nelas podem ser reduzidos. Claro que isso também depende do grau de complexidade da história em quadrinhos submetida à análise.

<sup>3</sup> Conjunto ficcional é a parte de um universo ficcional delimitado para realização de pesquisa e análise. Isso significa que, quando a análise não é do universo ficcional, ela remete a um elemento deste em sua totalidade, que pode ser desde uma tira até revistas, histórias completas, períodos históricos, etc., que é aqui denominado conjunto ficcional.

personagens da Disney. Implicitamente, o personagem Dentinho também parece valorar os mesmos, pois ele está lhes assistindo na TV, embora isso não seja necessariamente assim (as pessoas não assistem apenas ao que gostam, inclusive pode ter sido outra pessoa que o fez assistir, apesar de, no contexto da tira, isso não estar sendo colocado). Porém, nesse caso, essa valoração é explícita e pode ser percebida quando ele diz “é”, ao responder o Sargento Tainha. O valor explícito é colocado em questão não por outros valores, mas por determinadas afirmações (concepções) de Dentinho, que questiona o motivo do Pato Donald usar camisa e não calças e o Mickey usar calças e não usar camisa e ambos usarem luvas. Dentinho diz que “é” ao lado de uma ponderação: “mas”. E depois questiona elementos dos personagens, e ao colocar o “porquê” aponta, no fundo, para a irracionalidade existente neles. Isso mostra seu desvalor, que está implícito. E onde se percebe o desvalor? Um afirma: “eu adoro os caras da Disney” e o outro responde “é, mas há algo errado neles”.

O Sargento Tainha, justamente aquele que valora os personagens Disney, responde dizendo entender do exército, mas não da vida selvagem. A resposta é ilógica, “irracional”. O objetivo dessa resposta ilógica, obviamente, é humorístico, produzindo um efeito cômico. Nesse contexto, isso explica a resposta ilógica, pois é ela que fornece a graça da tira. Mas a graça poderia ter sido fornecida de outra forma, e nas tiras do universo ficcional de Recruta Zero, isso não é algo que se realiza constantemente para ser algo característico dele. A resposta ilógica tem o mesmo sentido da relação dos personagens do universo ficcional de Disney com a questão da vestimenta: é irracional. O aspecto cômico reside no fato de que a resposta irracional mostra que o Sargento Tainha possui limites intelectuais ao atribuir os elementos de vestimentas de animais à vida selvagem e não ao seu processo de criação realizado por seres humanos. O irracional se une com o “pouco inteligente”. Logo, é um desvalor, o que revela valores. Um desvalor em relação ao personagem que significa um valor do quadrinista.

Após esse processo analítico, temos uma reconstituição dos valores manifestos no corpus ficcional delimitado para ilustrar uma análise dos valores. A tira revela que o universo ficcional da Disney é um desvalor para o criador do universo ficcional de Recruta Zero. O trabalho analítico, nesse caso, é relativamente rápido e fácil por se tratar de apenas uma tira. Contudo, se fosse um conjunto de tiras, seria muito mais difícil e amplo, ou mesmo se fosse o universo ficcional de Recruta Zero, tal como já realizamos em outra oportunidade (VIANA, 2013b).

Em alguns casos, a análise de um corpus ou universo ficcional não é suficiente, pois apresenta dificuldades cuja solução, mesmo podendo ser apresentada, precisaria de elementos extraficcionais para ser considerada uma interpretação correta. Nesses casos, é necessário analisar o processo de produção das histórias em quadrinhos em questão, a contextualização numa sociedade, época, bem como entender o(s) indivíduo(s) produtor(es). Um outro exemplo pode ajudar a entender isso:



Figura 2. Tira da Mafalda

Fonte: <https://sociologiahq.blogspot.com/p/tirinhas.html>

Realizando o processo analítico acima indicado nesse caso específico, fica perceptível que Mafalda não gosta de sopa de peixe, o que significa que é um desvalor para ela. O gosto é uma forma de valoração e a mãe de Mafalda demonstra valorar a sopa de peixe e Mafalda demonstra que a desvaloriza. A receita da sopa se encontra no jornal e, por isso, Mafalda grita: “Abaixo a liberdade de imprensa!”. Aqui Mafalda assume uma posição considerada conservadora e a liberdade de imprensa aparece como um desvalor. Nessa tira, então, se vê alguns desvalores explícitos: sopa de peixe, liberdade de imprensa (da personagem Mafalda) e um valor explícito (da mãe dessa personagem), que é a sopa de peixe.

Esse corpus ficcional tem o último quadro da tira, na qual Mafalda grita contra a liberdade de imprensa, pois o cômico é ser contra algo mais importante por causa de algo menos importante. Assim, na própria comicidade já se vê que, o autor da tira, Quino, tem valores contrários aos da personagem Mafalda, pois a graça está na inversão na escala de valores. Porém, se a pessoa analista conhece a obra de Quino no geral e sobre ele em particular, então, teria todos os elementos para entender a tira, mas a leitura das pessoas em geral não se atenta para essa inversão da escala de valores e sua relação com a comicidade.

O indivíduo pesquisador, no entanto, deve ser mais profundo em sua análise. Mas, caso ele não tenha chegado a esta conclusão ou caso ele não tenha tais informações, ele precisaria ir além do corpus ficcional para interpretar corretamente os valores materializados na tira. Ele teria que ver outras tiras, inclusive para ter uma percepção mais totalizante de valores, representações, etc., do universo ficcional de Mafalda. Além disso, deveria contextualizar a tira, ou seja, inseri-la na totalidade das relações sociais, inclusive, para saber que a mesma foi produzida numa Argentina submetida a um regime ditatorial, no qual a liberdade de imprensa é atingida. Além disso, seria importante saber se havia algum acontecimento histórico específico que teria relação (algum debate público sobre liberdade de imprensa, algum indivíduo que poderia ter se colocado contra a liberdade de imprensa por valores ou interesses pessoais, etc.)

com a questão da liberdade de imprensa. Algumas tiras são bem datadas, tais como charges, que tratam de acontecimentos políticos cotidianos.

O significado da tira ganha maior concreticidade a partir dessas informações extraficcionais. No fundo, o que se percebe, desde que não haja algum acontecimento histórico específico do qual não tenhamos consciência e, por isso, é ininteligível para nós, é uma crítica do regime ditatorial e da falta de liberdade de imprensa, e isto revela valores implícitos, como a liberdade, e desvalores, como a ditadura. Logo, também se percebe que, além da comicidade, há uma criticidade, outro elemento comum das tiras de Mafalda, que ajuda a entender quais valores estão materializados nelas. A liberdade de imprensa é sacrificada por causa dos valores e gostos de Mafalda, tal como no regime ditatorial no qual ela é restringida em nome da “ordem” e outros valores menores (para o produtor das tiras, pois para os militares desse país, é o contrário, por exemplo). Assim, Mafalda reproduz num nível microscópico aquilo que o Estado argentino fazia em nível macroscópico: devido a determinados interesses, sacrifica algo que é tido como menos importante, mostrando uma escala de valores que coloca a liberdade de imprensa como algo de pouco valor ou de menor valor do que a ordem, a estabilidade, etc. ou os alimentos preferidos.

Isso significa que, no corpus ficcional analisado, para Mafalda, a personagem principal, a sopa de peixe é um desvalor, o que gera a desvalorização da liberdade de imprensa. A mensagem, no entanto, apresenta valores implícitos e são estes os fundamentais do criador e que se manifesta na tira, que é a liberdade como valor fundamental. Nesse caso, temos valores explícitos com uma escala de valores e implícitos com uma escala contrária. Para entender isso, é necessário não somente identificar os valores e os desvalores explícitos, mas analisar o corpus ficcional, ou seja, a totalidade da tira, para entender como eles são trabalhados e isso se torna muito mais fácil remetendo à totalidade do universo ficcional e ao seu processo social de produção.

Esse processo de análise da produção das histórias em quadrinhos é importante, e em alguns casos, a sua não realização pode provocar equívocos interpretativos. Por exemplo, se observarmos a obra de Francisco Ibanez, Mortadelo e Salaminho, podemos julgar que este autor tem como um de seus valores o futebol, já que dedicou várias revistas destes personagens ao tema da copa do mundo. Esse é um indício, mas, para quem conhece o autor, sabe que não é bem isso. Ele mesmo afirmou em entrevista que não gosta de futebol e o fez por pressão do capital editorial.

Da mesma forma, a análise de um corpus ficcional pode mostrar determinações circunstanciais que interferem no tema, abordagem, etc. Esse é o caso, por exemplo, da censura. A Batfamília (Batgirl, Batmirim, Batcão, etc.), por exemplo, só pode ser entendida no contexto de ataque às histórias em quadrinhos realizados por Fredric Wertham e a autocensura do capital editorial que gerou o código de ética e transformação de alguns personagens. Logo, alguns casos só são compreensíveis num processo de análise da produção das histórias em quadrinhos, e em

universos ficcionais cuja produção é de uma equipe ou que mudou os responsáveis, isso se torna ainda mais necessário.

Isso vale também para as manifestações valorativas nas histórias em quadrinhos. A análise dos valores é uma ferramenta indispensável com suas regras analíticas para evitar equívocos

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa breve exposição do processo de análise de valores em histórias em quadrinhos é apenas uma introdução. O processo analítico é realizado através de uma leitura introdutória, uma leitura focalizada nos valores, uma leitura global do *corpus ficcional* e que, dependendo do caso, pode ser complementado com análise do universo ficcional e, como último momento, análise do processo social de produção de ambos (*corpus* e universo ficcionais).

Claro que os exemplos aqui utilizados foram os mais simples possíveis. Se fosse uma revista inteira, o processo analítico seria praticamente o mesmo. Contudo, ganharia um nível de complexidade bem maior. Esses apontamentos nos ajudam a pensar o processo analítico dos valores materializados em determinados universos ficcionais, especialmente nas histórias em quadrinhos. Os casos concretos mostram como isso pode ser realizado e assim fica mais claro o procedimento analítico.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1998.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 6ª edição, Campinas: Unicamp, 1997.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias Qualitativas em Sociologia**. 4ª edição, Petrópolis: Vozes, 1995.

HIRSCH JR., Eric Donald. **Crítica Literária e Interpretação**. Rio de Janeiro: Edições Pirata, 2018.

KAROSCH, Carlos. Hirsch Jr. e a Questão da Interpretação. In: HIRSCH JR., Eric Donald. **Crítica Literária e Interpretação**. Rio de Janeiro: Edições Pirata, 2018.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas, Unicamp, 1988.

VIANA, Nildo. **A Elaboração do Projeto de Pesquisa**. Goiânia: Edições Germinal, 1999.

VIANA, Nildo. **A Esfera Artística. Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte**. Porto Alegre: Zouk, 2007a.

VIANA, Nildo. **Cinema e Mensagem. Análise e Assimilação.** Porto Alegre: Asterisco, 2012.

VIANA, Nildo. **Os Valores na Sociedade Moderna.** Brasília: Thesaurus, 2007b.

VIANA, Nildo. **Quadrinhos e Crítica Social: O Universo Ficcional de Ferdinando.** Rio de Janeiro: Azougue, 2013a.

VIANA, Nildo. **Tropicalismo - A Ambivalência de um Movimento Artístico.** Rio de Janeiro: Corifeu, 2007c.

VIANA, Nildo. Representações e Valores no Universo Ficcional de Recruta Zero. **Revista Imaginário.** UFPB, vol. 5, Dezembro de 2013b.